

#cm
2

QUARTA-FEIRA



Festival de Gramado abre os trabalhos de sua competição de documentários

PÁGINA 4



Marília Mendonça deixou pen drive com 200 gravações inéditas, revela empresário

PÁGINA 5



Artista indígena Uýra leva arte sua resistente ao Parque Glória Maria

PÁGINA 8



Série 'Pssica', de Fernando e Quico Meirelles, denuncia tráfico sexual de menores no Pará

Infâncias amazônicas roubadas

Cena de 'Pssica', que estreia nesta quarta-feira na grade da Netflix

Por **Leonardo Sanchez (Folhapress)**

A umidade e o calor de mais de 30°C fervem os corpos que se escondem entre entulhos, caixas e lonas num pequeno porto às margens da Baía do Guajará, em Belém. Um deles se refresca ao ser arremessado na água doce, depois de um embate físico truculento. A cena dá o tom da série "Pssica", que pega fogo com as cores quentes da fotografia e com a ação frenética.

Assim que diz "corta", Quico Meirelles aparece com pingos de suor se misturando às estampas da camisa. Ele se agacha, balan-

ça efusivamente os braços e faz poses enérgicas para coordenar a cena, ao lado do pai. Fernando Meirelles, por sua vez, dirige tudo com serenidade e a habitual fala mansa, num contraste curioso.

É a primeira vez que o cineasta de "Cidade de Deus" e "Ensaio Sobre a Cegueira" divide a direção com o filho. Uma adaptação do livro homônimo do autor paraense Edyr Augusto, a minissérie é fruto de parceria entre a O2, sua produtora, e a Netflix, e estreia nesta semana com quatro episódios sufocantes, graças à narrativa acelerada e ao peso de seus temas.

Continua na página seguinte

Divulgação Netflix



os diretores Fernando e Quico Meirelles, pai e filho, descansam no set num intervalo das filmagens, feitas debaixo de um calor de 33°C em terras paraenses

Título vem de gíria local que significa azar ou maldição

Para refrescar aquele set de filmagem virulento, a equipe era encorajada a tomar muita água e comer pedaços de abacaxi, a verdadeira estrela daquele dia de gravações. As rodela amarelas desfilavam nas mãos de câmeras, técnicos de som e do elenco, numa tentativa inerte de amansar o calor.

“Filmar com 33°C na cabeça é duro, mas faz parte e a gente se acostuma”, diz Fernando, entre as pausas de uma gravação e outra. Foi ele quem entrou em contato com o livro primeiro, quando passou 45 dias no Pará para gravar a ópera “Os Pescadores de Pérolas”, encenada na capital. Mostrou para o filho, que se apaixonou e decidiu filmá-lo.

“A gente tinha uma resistência em adaptá-lo por causa da violência, mas o Quico ficou martelando e a série saiu”, diz Fernando, que comanda um dos quatro episódios. “Quando eu não tenho o que fazer, pego uma camerazinha e fico buscando ângulos interessantes, porque eu comecei trabalhando como operador de câmera. Mas o Quico é o chefe e eu obedeço. À noite, em casa, ele cozinha e, depois, eu lavo a louça”, brinca.

“Pssica” tomou as ruas e os rios de Belém em agosto passado, numa busca por autenticidade. Não só os temas e personagens são inerentemente paraenses, como também sua ação. Boa parte das cenas acontece sobre lanchas e catamarãs, dando uma roupagem única para a minissérie.

No set, vários barcos estavam estacionados para formar um labirinto, pelo qual os personagens fugiam e trocavam tiros. Uma camada extra de complexidade para as cenas de ação, que Fernando já dominou em terra firme, em produções como “Cidade de Deus”.

“Pssica”, palavra que na gíria local identifica um tipo de azar ou maldição, gira em torno de três personagens que têm suas

vidas entrelaçadas pelo crime que toma a Amazônia urbana, mas do qual pouco se fala.

Interpretada pela colombiana Marleyda Soto, de “Cem Anos de Solidão”, Mariangel busca vingança depois de ver o marido e o filho serem assassinados a sangue frio, por uma gangue de ratos d’água. O termo é usado para identificar grupos de assaltantes que tomam os rios do Pará em busca de embarcações que transpor-

“A gente tinha uma resistência em adaptá-lo por causa da violência, mas o Quico ficou martelando e a série saiu”

Fernando Meirelles

tam mercadorias. São uma espécie de piratas fluviais.

Um deles é Preá, personagem de Lucas Galvino que teve a infância e a adolescência atravessadas pelo crime e, sem muita alternativa, acabou se rendendo a ele. E há ainda Janalice, uma adolescente de 15 anos interpretada por Domitilla Cattete.

Depois que um vídeo íntimo vaza para os colegas da escola, ela se muda para a casa

da tia, em Belém. Sem a maldição de alguém que cresceu na cidade grande, ela é enganada e sequestrada por uma rede de tráfico sexual, que leva menores de idade à força para se prostituírem do outro lado da fronteira, na Guiana Francesa.

Naquele agosto de 2024 em que as gravações aconteceram, ninguém imaginava que o lançamento de “Pssica” aconteceria num momento em que o país parou para debater a adultização e, por consequência, a violência sexual contra crianças e adolescentes após o influenciador Felca publicar um vídeo sobre o tema.

Outra produção nacional recente, “Manas” foi outro a se antecipar ao debate e retratar a exploração sexual infantil na Ilha do Marajó. Crônico naquela região, o problema é abordado com crueza em “Pssica”, por meio de uma narrativa acelerada e cortante, que busca emular a escrita de Augusto.

“O livro é uma vertigem, você não consegue parar de ler. Você vai sendo atropelado e queríamos reproduzir essa sensação para o espectador”, diz Quico, que também alterna o tipo de enquadramento e câmera conforme o personagem que acompanhamos.

Janalice, por exemplo, costuma estar em planos mais fechados, que ilustram a prisão em que vive. Os ratos d’água, com seus jet skis, são o oposto, sempre em enquadramentos abertos. “Criamos um jogo de sensações.”

Sensações que não devem desestimular o espectador. “Demos uma suavizada, você pode dividir a violência do livro por oito”, diz Fernando. “A gente tem a violência contra a mulher presente, mas tiramos a parte gráfica. A gente indica, sugere, menciona, mas não queríamos uma série insuportável de ver. A ideia é que o espectador reflita, não que mude de canal. Não glamorizamos, mas ainda é uma série muito forte e tocante.”

Cai na real, Kikito!

Gramado embarca numa maratona de longas documentais que espelha a realidade de várias latitudes do país, entre saudades e perplexidades

53 FESTIVAL DE CINEMA DE GRAMADO

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Tomado de assalto por criativas produções aqui do Rio de Janeiro, como o thriller “Papa-gaios”, de Douglas Soares, e a love story em P&B “Querido Mundo”, de Miguel Falabella, o 53º Festival de Gramado embarca a partir desta quarta-feira numa viagem pelos rincões do Real, ao abrir sua competição de longas-metragens documentais.

Saudades de Cacá Diegues (1940-2025), expressas numa triagem de memórias e bons filmes, abre a torneirinha da não ficção na serra gaúcha, que vai entender, esta

noite, porque o Festival de Cannes foi às lágrimas com “Para Vigo Me Voy!”, em maio. É a estreia desse ensaio afetivo de Karen Harley e Lício Ferreira no país, com exibição agendada para as 20h desta quarta, depois da passagem da tragicomédia “Sonhar com Leões”, com Denise Fraga, que passa às 18h.

Ao elencar os documentários a competir pelo Kikito, os atuais curadores de Gramado - Camilla Morgado, Caio Blat e Marcos Santuario - apostaram numa pluralidade regional. Karen e Lício são pernambucanos e Cacá era alagoano, mas “Para Vigo Me Voy!” representa o Rio de Janeiro no certame gramadense, evocando as lutas políticas do realizador de “Bye Bye Brasil” (1980) e um inflamável debate dele na França, nos tempos do lançamento de “Quilombo”, em meados da década de 1980.

Chumbo quente à goiana

O premiado ‘Oeste Outra Vez’ demole códigos machistas

Laureado com o Kikito de Melhor Filme no último Festival de Gramado pela demolidora mirada sob os códigos da masculinidade, “Oeste Outra Vez” chegou ao streaming. Tá na Prime Video da Amazon, em parceria com a Rede Tele-

cine, ampliando a popularidade de seu realizador, o goiano Erico Rassi.

Em meio à mobilização nacional em torno de uma nova edição (de nº 53) do evento cinematográfico da serra gaúcha, no Rio Grande do Sul, o longa-metragem de Rassi foi incluído na primeira lista da Academia Brasileira de Cinema para a triagem do potencial representante de seu país ao Oscar 2026, o que potencializou seu cacife.



Cacá Diegues em depimento antigo resgatado no doc. ‘Para Vigo Me Voy’

CONCORRENTES AO KIKITO NÃO FICÇÃO

- “Até Onde a Vista Alcança” (SP), de Alice Villela e Hidalgo Romero
- “Lendo o Mundo” (RN), de Catherine Murphy e Iris de Oliveira
- “Os Avós” (AM), de Ana Lígia Pimentel
- “Para Vigo Me Voy!” (RJ), de Lício Ferreira e Karen Harley

Na quinta passam dois: “Os Avós” (AM), de Ana Lígia Pimentel, e “Lendo o Mundo” (RN), de Catherine Murphy e Iris de Oliveira. O primeiro representa o Amazonas com um mergulho na rotina de avós e avós jovens, entre 30 e 35

anos. Já a produção potiguar revive o período em que o educador Paulo Freire (1921-1997) liderou um projeto experimental no Nordeste, permitindo que centenas de adultos lessem, escrevessem e votassem. A agitação política levou

ao exílio de Freire, durante o qual ele se tornou um ícone global, promovendo a democracia por meio da educação.

O concorrente final, agendado para sexta, é “Até Onde a Vista Alcança”, que vem de São Paulo. Alice Villela e Hidalgo Romero acompanham um guerreiro indígena Kariri-Xocó que desenha no chão o território memorial de seu povo, planejando uma nova retomada. O longa percorre este território e retoma um modo de ser adormecido, conectando terra, política e espiritualidade. Gramado termina neste sábado (23).



‘Oeste Outra Vez’ ganhou o Kikito de Melhor filme em Gramado no ano passado

Fala-se dessa produção, com nostalgia, por todos os cantos do Palácio dos Festivais, em solo gramadense, à luz de suas ousadias. Seu enredo transcorre no sertão de Goiás, onde homens brutos

que não conseguem lidar com suas fragilidades são constantemente abandonados pelas mulheres que amam.

Tristes e amargurados, eles se voltam violentamente uns contra

os outros, o que leva um comerciante (Ângelo Antônio) a contratar um matador de aluguel a fim de dar cabo do homem com quem sua ex-companheira envolveu-se afetivamente. (R.F.)

ENTREVISTA / SUSANNA LIRA, DIRETORA E PRODUTORA

'Acredito numa sociedade onde todo mundo se dê as mãos'

53 FESTIVAL DE CINEMA DE GRAMADO

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Sempre acolhedor com vozes autorais consagradas que se arriscam pelo formato curta, o Festival de Gramado abriu espaço na competição dedicada a pílulas de Brasil, de sua 53ª edição, para acolher a carioca Susanna Lira e seu esperado "Réquiem para Moïse". Dirigido em duo com Caio Barretto Briso, essa produção de 19 minutos e 16 segundos analisa o racismo por trás do assassinato do imigrante congolês Moïse Mugenyi Kabagambe, morto com golpes de taco de beisebol num quiosque na Barra da Tijuca, em 2022. Quem viu "Torre das Donzelas", com o qual a diretora foi laureada mundialmente em 2018, sabe o espaço nobre que sua obra dá ao combate à microfísica da exclusão.

Documentarista consagrada, Susanna recebeu o convite gramadense enquanto filmava uma ficção, chamada "Apenas 3 Meninas", em bairros da Zona Norte. São Cristóvão foi um dos pontos em que rodou esse longa da produtora Panorâmica, em coprodução com a Elo Studios e a Paramount Pictures Brasil.

Recebeu lá o Correio da Manhã, num set inspirado por fatos reais, sintonizado com o Grupo Girls Up Brasil.

Em 2020, três adolescentes fizeram um movimento em prol da dignidade menstrual. Elas se depararam com dados alarmantes: uma em cada quatro jovens brasileiras não têm acesso mensal a absorventes. A ONU estima que uma em cada dez meninas no



A diretora Susanna Lira no set de 'Apenas 3 Meninas'

mundo deixe de frequentar a escola todo mês por causa da menstruação. Foi diante dessa realidade que decidiram agir para transformar a vida de centenas de mulheres ao seu redor e fomentaram a criação da primeira lei do Brasil que garante a distribuição gratuita de absorventes. A Lei Estadual 8.924/2020 (inspirado no trabalho da Deputada Tabata Amaral e da Iniciativa Girl Up) foi proposta pelo deputado Renan Ferreirinha e aprovada por unanimidade pela Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (Alerj) em 2021.

Na telona, essa saga traz um elenco estelar. Mel Maia, Lívia Silva e Letícia Braga vivem as protagonistas Amora, Irene e Luana, respectivamente. Shirley Cruz, Juliana Alves, Nicole Orsini e Milhem Cortaz também estão em cena no projeto, que Susanna explica no papo a seguir, à força da boa acolhida de Gramado a "Réquiem Para Moïse".

Ao lado de um filme que flerta com a perplexidade ("Réquiem Para Moïse"), você aposta na ficção, recriando um episó-

dio de perseverança, centrado em vitórias de mulheres brasileiras. Como se estrutura a abordagem de "Apenas 3 Meninas"?

Susanna Lira: Esse é um filme sobre renovação da esperança. Precisamos ver as pessoas na sua complexidade. Quando pensamos na realidade de pessoas que vivem com um salário mínimo, numa casa onde residam mulheres jovens, a compra de absorvente nem sempre estará entre as prioridades. Só que o direito à dignidade menstrual é uma questão de higiene básica. A não compra de um absorvente impacta sobre uma vida, afeta o dia a dia. Numa sociedade marcada historicamente pelo ódio ao corpo, tento tratar a menstruação longe dos tabus.

O que a iniciativa retratada no filme apresentou politicamente?

A certeza de que essa geração mais jovem pode ensinar muito pra gente.

O seu cinema é uma celebração do feminino, mas jamais incorre numa mirada depreciada da masculinidade. Qual é o espaço dos homens nas suas narrativas?

A construção da figura masculina é doce, como um convite aos homens, para a escuta. Não acredito numa dinâmica de "nós contra eles". Acredito numa sociedade onde todo mundo se dê as mãos. O que eu tento fazer é uma ponte de afeto.

Como é a sua relação pessoal com a Zona Norte do Rio?

Sou forjada por ela, pois fui criada em Oswaldo Cruz. Fui criada por uma mãe sozinha, com muita dificuldade. Sei o valor desse subúrbio que retrato agora em "Apenas 3 Meninas". Sei o quanto pesam as distâncias de ônibus que a gente precisa enfrentar para percorrer a cidade. Filmei Madureira, numa volta a esse lugar que me forjou. Tentei jogar luz sobre lugar sem privilégios. Essa história é uma forma de inspirar pessoas. O poder da criação se alia à necessidade de se ocupar territórios, sem haver restrições.

Seus filmes mais recentes demonstram uma maturidade sobretudo no trato com a luz, o que amplia a curiosidade para saber como será o enquadramento do subúrbio do Rio em "Apenas 3 Meninas"? Como funciona o seu trabalho com a direção de fotografia?

Eu forjei uma parceria dos deuses e das deusas como a Lílís Soares, minha fotógrafa. Ela virou a minha alma gêmea num âmbito profissional. Buscamos o brilho que as pessoas do subúrbio têm.

Divulgação

Empresário de Marília Mendonça revela que cantora, morta precocemente em 2021, deixou 200 gravações de músicas inéditas

Por Affonso Nunes

O legado musical de Marília Mendonça promete se estender muito além dos quatro anos que se passaram desde sua morte trágica em acidente aéreo. Um acervo com aproximadamente 200 músicas inéditas da “Rainha da Sofrência” deve alimentar lançamentos pelos próximos 20 anos, segundo revelação do empresário Wander Oliveira, responsável pela administração de sua obra. A estratégia prevê o lançamento de cerca de 10 faixas anuais, garantindo a presença contínua da artista, que segue entre as cantoras brasileiras mais escutada nas plataformas digitais, no cenário musical brasileiro.

No centro dessa herança artística está um pen drive contendo entre 100 e 110 gravações feitas por Marília. O material inclui desde ideias embrionárias de composições até gravações caseiras em voz e violão, passando por interpretações tanto de canções autorais quanto de outros compositores.

A existência desse acervo atira os fãs da cantora cuja força nas plataformas digitais impressiona pelos números. Quatro anos após sua partida, ela mantém 11 milhões de ouvintes mensais somente no Spotify. O single “Leão”, lançado postumamente em 2022, acumula quase 500 milhões de reproduções, evidenciando o apetite do público

Divulgação



O empresário de Marília Mendonça estima que o material inédito pode render lançamentos de novas faixas por 20 anos

Um baú de (futuros) sucessos

blico por novos trabalhos da artista. O álbum “Decretos Reais”, de 2023, consolidou ainda mais essa demanda, provando o interesse permanente do público por seus trabalhos.

Em entrevista ao podcast “Marília: O Outro Lado da

Sufrência”, Oliveira fala da dimensão histórica desse material. “Existem coisas para 20 anos, com folga”, garantiu o empresário.

Há, no entanto, uma complexa equação no que se refere ao patrimônio artístico de Ma-

rília. Seu acervo está distribuído hoje entre a família de Marília, representada por sua mãe; o cantor Murilo Huff, pai de Léo, filho da cantora; a empresa Workshow, de Wander Oliveira; e a gravadora Som Livre, que detém direitos comerciais so-

bre tudo que Marília produziu em vida. Essa multiplicidade de interesses tem gerado impasses que afetam diretamente os planos de lançamento.

Para embolar o meio campo, a guarda de Léo, hoje com cinco anos, é disputada judicialmente pelo pai da criança e pela mãe de Marília. “Para mim, o pen drive pertence ao Léo. Eu gostaria que, no momento em que ele tivesse entendimento, fosse entregue para ele, para fazer o que quiser. Isso é a história da mãe dele”, opina Oliveira.

As negociações sobre o material inédito encontram-se atualmente paralisadas devido a questões contratuais envolvendo Léo. Segundo o advogado da família, Robson Cunha, Murilo Huff obrigatoriamente precisa assinar todos os contratos que envolvem o menino, o que ainda não aconteceu.

Marília Mendonça faleceu tragicamente em 5 de novembro de 2021, aos 26 anos, no auge absoluto de sua carreira. A cantora embarcou naquela manhã em um táxi aéreo em Goiânia, acompanhada de seu produtor Henrique Ribeiro e de seu tio e assessor Abicielei Silveira Dias Filho, com destino a Caratinga (MG), onde realizaria uma apresentação. A aeronave colidiu com cabos de uma torre de distribuição de energia, resultando na morte de todos os cinco ocupantes, incluindo o piloto e o copiloto.

A notícia da morte causou comoção nacional e internacional, com milhares de fãs e artistas prestando homenagens à cantora. A tragédia reacendeu debates sobre a segurança na aviação particular no Brasil. Dados do Centro de Investigação e Prevenção de Acidentes Aeronáuticos (Cenipa) indicam que, entre 2010 e 2019, 46% dos acidentes aéreos no país envolveram aeronaves particulares. Especialistas apontam fatores como menor especialização de pilotos, manutenção menos rigorosa e exigências regulatórias mais brandas em comparação com a aviação comercial.

Por Affonso Nunes

O pianista, compositor e arranjador mineiro Márcio Hallack sobe ao palco do Blue Note Rio nesta quarta-feira (20) para um encontro musical que revisitar alguns dos momentos mais marcantes da música instrumental brasileira. O espetáculo “Trem Carioca – A Música Instrumental de Minas” reúne o legado do Clube da Esquina com a trajetória autoral do próprio Hallack, um artista fortemente influenciado por este movimento.

Hallack terá como convidado o conterrâneo Nelson Angelo, compositor de clássicos como “Fazenda” e “Canoa, Canoa”, canções que se tornaram marcos na discografia de Milton Nascimento e do próprio Clube da Esquina.

NO repertório, releituras instrumentais de temas consagrados como “Cravo e Canela” e “Tudo Que Você Podia Ser”, e composições autorais de Hallack que já receberam reconhecimento em importantes premiações. Entre elas estão “De Manhã”, vencedora do Prêmio TIM, “Presente pro Titio”, destaque na Rodada Brahma de MPB, além de “Tudo Azul” e “Desse Modo”, esta última contemplada com o Prêmio Dynamite de Música Independente.

Celebração à moda mineira

Márcio Hallack recebe o conterrâneo Nelson Angelo em apresentação que evoca Clube da Esquina e seu repertório autoral

Márcio Hallack vai mesclar seu trabalho autoral com temas consagrados do Clube da Esquina em versão instrumental

Hallack lidera um quarteto que reúne os músicos Zé Luís Maia (baixo), Kleber Caetano (bateria), Fernando Brandão (flautas) e AC (sax tenor).

“Este show promete ser uma celebração da música bra-

sileira de alta qualidade”, destaca Luciana Moiskis, produtora executiva da apresentação. A expectativa é de que o espetáculo traga surpresas e outras participações especiais ao longo da noite.

Três vozes em família

O maestro Jaime Alem retorna aos palcos cariocas em apresentação especial no Audio Rebel, onde dividirá o palco com as cantoras Nair Cândia e Jurema de Cândia. Nair é a mulher do músico e Jurema sua cunhada e essa reunião familiar forma o trio vocal Janaju. Instrumentistas que integram o círculo artístico de Alem, o violoncelista João Bustamante e o percus-

sionista Reginaldo Vargas farão participações especiais.

O repertório foi selecionado para ilustrar as múltiplas facetas do trabalho do maestro, que por anos foi o diretor musical dos espetáculos de Maria Bethânia, incluindo material inédito que fará parte de seu próximo álbum, previsto para lançamento ainda este ano.

Entre os destaques do show

estão canções do disco “Amanhceremos”, gravado pela dupla Jaime & Nair, que inclui a faixa “Olho de Vidro”. Esta composição ganhou projeção internacional recentemente ao ser sampleada pelo grupo de Kaytranada no Reino Unido, dando origem à música “God It Good” - um exemplo da influência duradoura do trabalho de Alem na cena musical brasileira. (A.N.)

SERVIÇO

TRIO JANAJU
Audio Rebel (Visconde Silva, 55 – Botafogo)
20/8, às 19h
Ingresso: R\$ 50

SERVIÇO

TREM CARIOCA – A MÚSICA INSTRUMENTAL DE MINAS
Blue Note Rio (Avenida Atlântica, 1910, Copacabana)
20/8, às 22h30
Ingressos a partir de R\$ 60



Divulgação

Nelson Angelo é o convidado especial na apresentação desta 4ª



Divulgação

Jaime Alem e as irmãs Nair e Jurema de Cândia

Terceira edição da Impro Grand Prix reúne 12 espetáculos até 31 de agosto no Teatro Glauce Rocha

Teatro sem texto também é teatro

O teatro de improviso, linguagem cênica que valoriza a espontaneidade e a criação instantânea no palco, está de volta à cidade com a terceira edição da Mostra de Improvisação Teatral Impro Grand Prix. Até 31 de agosto, o Teatro Glauce Rocha, no Centro, recebe 12 espetáculos que exploram diferentes vertentes dessa arte teatral, desde máscaras balinesas até teatro de rua, passando por melodrama, realismo fantástico e contação de histórias.

A iniciativa do Grupo Konga, com apoio do Programa Funarte Aberta, representa um marco na difusão de uma linguagem que, segundo Andre Garcia Alvez, idealizador do evento, existe há mais de duas décadas no Brasil mas ainda carece de maior visibilidade. “O nosso desejo é ampliar para o grande público uma linguagem que existe há mais de 20 anos no Brasil”, explica o criador da mostra, que busca ir além dos já conhecidos jogos improvisados para dar visibilidade aos espetáculos inteiros estruturados nessa técnica.

A programação desta edição inova ao reunir pela primeira vez apresentações para adultos, infantis e de rua em uma mesma mostra, ampliando o alcance da linguagem de improviso. Cada espetáculo realiza duas apresentações, sendo avaliado por um júri especializado que premiará 10 categorias.

Garcia Alvez esclarece, no entanto, que não se trata de uma competição no sentido tradicional. “Não é uma mos-

tra competitiva. Esses prêmios são para estimular e impulsionar cada vez mais a pesquisa e a criação de novos espetáculos improvisados”, pontua. Para ele, o teatro de improviso mantém uma essência única: “Acreditamos que o teatro de improviso vai ter sempre o cheiro de pipoca quente, roupa limpa, livro novo, o frescor

e a alegria do sorriso de uma criança feliz”.

A trajetória da mostra reflete o crescimento do interesse por essa linguagem. Estreada em julho de 2023, a primeira edição abriu caminho para a consolidação do evento, que em 2024 ocupou todos os fins de semana de agosto.

O teatro de improviso fun-

ciona como um laboratório de experimentação, criando uma experiência compartilhada entre artistas e público. Isso porque a ausência de texto pré-determinado gera momentos únicos. “Isso torna cada apresentação uma descoberta, tanto para quem está no palco quanto para quem assiste”, reforça Alvez.

Ton de Melo/Divulgação

Pedro Garcia Alves, Ronaldo Camelo e Andre Garcia Alvez, do Grupo Konga



SERVIÇO

3ª MOSTRA DE IMPROVISAÇÃO TEATRAL IMPRO GRAN PRIX
Teatro Glauce Rocha (Av. Rio Branco, 179, Centro)
Até 31/8, sextas e sábados, às 19h (espetáculos adultos); sábados e domingos, às 16h (espetáculos infantis)
Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

Retratos de resiliência

A artista amazônica Uýra chega ao Rio de Janeiro com “Terras Caídas”, exposição individual que ocupa a Galeria Ruínas do Centro Cultural Municipal Parque Glória Maria (antigo Praque das Ruínas), em Santa Teresa. A mostra reúne oito fotografias performáticas das séries Elementar, Mil Quase Mortos, Rio Negro e Terra Pelada, produzidas entre 2017 e 2024.

O título faz referência ao fenômeno natural de erosão do solo nas margens dos rios amazônicos, processo agravado pelas mudanças climáticas. Através dessa metáfora, Uýra constrói narrativas visuais que entrelaçam corpo e território, questionando os impactos do desmatamento e celebrando a resistência dos povos originários.

Natural de Santarém (PA), a artista de 33 anos consolidou-se como uma das vozes mais expressivas da arte contemporânea latino-americana. Suas obras integram acervos da Pinacoteca de São Paulo, Castello di Rivoli (Itália) e Los Angeles County Museum of Art (EUA). É protagonista do documentário premiado “Uýra – A Retomada da Floresta”, reconhecido com mais de 11 prêmios internacionais.

As fotografias registram performances nas quais a artista se transforma em personagem mítica, evocando elementos da biodiversidade amazônica através de figurinos elaborados com materiais orgânicos e maquiagens que remetem à fauna e flora regionais.

No dia 9 de setembro, às 15h, Uýra apresentará a performance “Espiral da Morte” em sessão única. A apresentação, que já percorreu cinco países incluindo o Museo Nacional Reina Sofia em Madri, utiliza folhas orgânicas dispostas em espirais no chão para criar uma experiência ritualística inspirada no comportamento das formigas. A performance será precedida por conversa com o público.

Em 2025, a artista terá exposições no MASP, Pinacoteca de São Paulo, Instituto Inhotim e participações internacionais no Museo de Arte Moderno de Bogotá, ARCOmadrid, França, Alemanha, Zurique e Edimburgo.

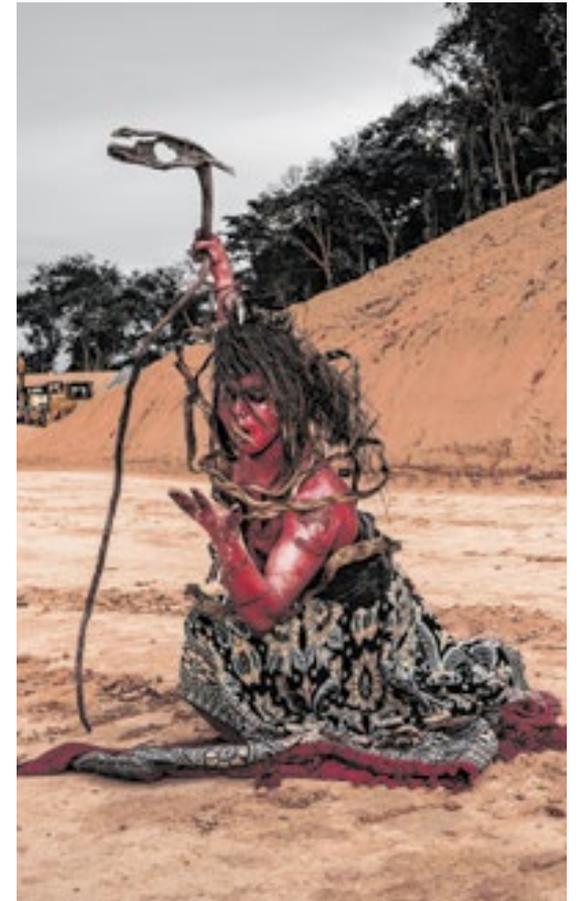
Artista indígena Uýra expõe fotografias performáticas que dialogam com ancestralidade e resistência no Parque Glória Maria

Ricardo Oliveira/Divulgação

‘Rio Negro’ (2018), da série Elementar



Matheus Belém/Divulgação (1).jpg



‘Terra Pelada’ (2018), da série A Última Floresta

Hyerim Han/Divulgação



‘Espiral da Morte’ (2022), performance

SERVIÇO

TERRAS CAÍDAS
Galeria Ruínas - Centro Cultural Municipal Parque Glória Maria (Rua Murinho Nobre, 169 - Santa Teresa)
Até 29/9, de terça a domingo (9h às 18h)*
Entrada franca
*Conversa e performance “Espiral da Morte” em 9/9, às 15h
Entrada franca